

1

Esta história começa com o famoso sedutor Heiju.

O capítulo «Açafroa» da *História de Genji* conclui com a seguinte cena: «Sentindo pena dele, ela aproximou-se, humedeceu um pedaço de papel no jarro da água junto ao tinteiro e esfregou. Não me ponhas da cor do Heiju, gracejou ele. Já me basta o vermelho.» Nesta passagem, Genji tinha pintado voluntariamente o nariz com aguarela vermelha, fingindo depois não conseguir removê-la. Aflita, Murasaki, então uma rapariga de onze anos, humedece um pedaço de papel e começa a esfregar o nariz de Genji, enquanto este chalaceia, «Com o vermelho posso eu bem, mas não quero ser manchado de preto como Heiju.» Segundo o *Comentário de Rios e Mares*^{*}, um dos comentários antigos sobre *Genji*, o gracejo do protagonista tem por base uma velha história: Nesses tempos remotos, sempre que visitava uma certa mulher, Heiju fingia chorar, mas as lágrimas nem sempre lhe acudiam quando delas necessitava. Por isso, levava da sua escrivanhinha um frasco com água, que escondia nas dobras do quimono, para humedecer os olhos. Apercebendo-se da artimanha, a mulher verteu um pouco de pigmento recém-moído no frasco; e quando Heiju, sem suspeitar de nada, humedeceu os olhos com a água tingida, a mulher segurou-lhe diante do rosto um espelho enquanto reci-

^{*} *Kakaisho*, 1367. [N.T. — Todas as notas são retiradas da edição inglesa.]

tava o poema: «Que tens duas caras, já antes me tinhas demonstrado, mas como posso eu tolerar isto — o teu rosto manchado de tinta e tu casado com outra?» O autor de *Comentário de Rios e Mares* indica *Histórias de Tempos Passados* como sendo a fonte desta anedota e refere que a mesma aparece também em *Histórias de Yamato*, mas nenhum destes livros, tal como chegaram aos nossos dias, a inclui*. Seja como for, o facto de Murasaki Shikibu pôr na boca de Genji um gracejo como aquele sugere que a história da mancha de tinta de Heiju devia ser já muito conhecida no seu tempo, como ilustração das desventuras de um sedutor.

De Heiju chegaram até nós muitos poemas, recolhidos na *Antologia Antiga e Moderna* e outras colectâneas imperiais; a genealogia do poeta é bastante clara e a sua figura aparece em muitas das histórias da época; assim, não restam dúvidas de que ele existiu realmente, embora se desconheça ao certo a data da sua morte (talvez 923, talvez 928), enquanto a de nascimento não aparece registada em lado nenhum. Em *Histórias de Tempos Passados* lemos que: «Houve um homem chamado Taira Sadafun, Subcomandante da Guarda Militar. Tinha por alcunha Heiju. Não era de baixa linhagem, mas sim filho de um príncipe real. Foi o maior sedutor do seu tempo e poucas foram as esposas, filhas ou damas da corte que ele não seduziu.» Noutra passagem é-nos dito: «Heiju tinha uma educação refinada e uma bela aparência. As suas maneiras e o seu porte eram tão cativantes, que não havia na época quem se lhe pudesse comparar. Assim, não havia esposa ou filha — e muito menos dama da corte — que não tivessem sido alvo das suas atenções.» O seu verdadeiro nome era, portanto, Taira Sadafun; era neto do príncipe Mochyio — por sua vez neto do Imperador Kammu — e filho de Taira Yoshikaze, Capitão Médio da

* *Histórias de Tempos Passados* (*Konjaku monogatari*): colectânea de contos compilada provavelmente no princípio do século XII. *Histórias de Yamato* (*Yamato monogatari*): colectânea de poemas narrativos do século X.

Guarda da Direita, Quarto Grau Subalterno, Categoria Superior. Há várias teorias a respeito da alcunha de Heiju, que significa «Taira do meio». Segundo um autor, o nome deriva de ele ter sido o segundo de três filhos. Outro diz que o seu sobrenome ao estilo chinês era Chu, cuja forma escrita se parece com o nosso «meio». (A sílaba *chu* do seu sobrenome deve ser acentuada, segundo o *Comentário do Jogo das Flores**) É provável que «Heiju» tenha sido concebido como imitação do sobrenome de Ariwara Narihira, «Zaigo Chujo», ou seja, «Ariwara Quinto Filho Capitão Médio»**.

Na verdade, há bastantes similitudes entre Narihira e Heiju. Ambos nasceram no início do Período Heian, descendendo de famílias reais. Ambos eram bonitos e galanteadores e ambos foram hábeis poetas, sendo Narihira um dos Trinta e Seis Sábios da Poesia e Heiju um dos Trinta e Seis da *Antologia Posterior*. Assim como o primeiro surge associado às *Histórias de Ise*, o segundo aparece numa obra intitulada *Histórias de Heiju* ou *Diário de Heiju****. Mas Heiju nasceu uns cinquenta anos depois de Narihira, e relatos como o da mancha de tinta e da sua humilhação às mãos de Jiju de Hon'in dão-nos dele a imagem de um bufão, coisa que Narihira não foi. Além disso, o *Diário de Heiju* não refere apenas deslumbrantes sucessos amorosos: há casos em que o objecto do seu amor se lhe escapa ou o despede, ao fim de inúmeras cenas, enquanto outros terminam com a afirmação: «ele desistiu sem dizer palavra» ou «concluiu que dava demasiado trabalho e desistiu». Há também histórias em que se mostra desastrado, como a da sua relação com Musashi, uma dama de honor da Imperatriz da Sétima Guarda: justamente quando ele parecia ir realizar os seus desejos, deixou Quioto em missão oficial, ficando ausente

* *Rokasho*, comentário de 1476 à *História de Genji*.

** Ariwara Narihira (825-880), um dos maiores poetas do início do Período Heian.

*** *Ise monogatari* e *Heichu (Heiju) monogatari* ou *nikki* são colectâneas de poemas narrativos do século x. A última foi descoberta em 1931.

quatro ou cinco dias. Para piorar as coisas, não se preocupou em avisar da sua ausência a dama. Desesperada com a inconstância dele, Musashi entrou para um mosteiro.

Das muitas mulheres que teve, a que Heiju amou com mais fervoroso abandono, a que lhe causou mais sofrimento e pela qual acabaria por perder a vida, foi Jiju de Hon'in.

Ela é conhecida como Jiju de Hon'in porque foi dama de companhia na mansão de Fujiwara Shihei, Ministro da Esquerda, em Hon'in, também chamado ministro de Hon'in. Nesse tempo, Heiju era um mero Subcomandante da Guarda Militar, mas embora de boa linhagem, ocupava na corte uma posição modesta. Era também um pouco preguiçoso. Segundo o *Diário*, «ele achava fatigante o serviço na corte e passava o dia a sonhar acordado» — ou seja, preferia a mandriice ao trabalho. Isto enfureceu o Imperador, que o castigou suspendendo-o do serviço durante uns tempos, embora haja quem diga que essa suspensão foi motivada pela rivalidade entre Heiju e um seu superior a propósito duma mulher. Quando a mulher recusou o outro pretendente, preferindo Heiju, o amante desdenhado ficou ressentido e caluniou-o na corte. Heiju considerou então a hipótese de tomar votos budistas e recolher-se a um mosteiro, tendo sido nessa altura que escreveu o poema publicado no livro 18 da *Antologia Antiga e Moderna*, escrito, tal como reza a nota que o antecede, «depois de ter perdido o seu cargo». «Não vejo portas nem ferrolhos neste triste mundo — porque me parece, então, tão difícil deixá-lo?» Num outro poema, por ele enviado a uma senhora sua conhecida, dama de companhia da mãe do Imperador, lê-se: «O cuco da Montanha dos Pinheiros já só aguarda o seu destino — chegou o fim, gritará ele, antes de se esconder.» Deste modo buscou Heiju o apoio da mãe do Imperador, enquanto o seu pai, Yoshikaze, apelava para o soberano; e em breve o poeta viria a receber novo cargo.

Embora pareça ter negligenciado o seu serviço no palácio, avesso como era ao trabalho, Heiju visitava amiúde o Ministro

da Esquerda em Hon'in. Hon'in era o nome da residência de Shihei, a norte da Avenida Nakamikado e a leste da Rua Horikawa. Enquanto herdeiro do Senhor de Shosen — o antigo Chanceler Regente Mototsune — e irmão mais velho da imperatriz Onshi, consorte do Imperador reinante, Daigo, Shihei gozava de um poder e de uma influência sem igual. Shihei (cujo nome deveria provavelmente ler-se «Tokihira», mas ao qual continuaremos a chamar Shihei, para não desrespeitar uma longa tradição) tornou-se Ministro da Esquerda aos vinte e nove anos, em 899. Embora manietado nos dois ou três primeiros anos pelo Ministro da Direita, Sugawara Michizane, Shihei acabou por se tornar o homem mais poderoso do país depois de derrubar o seu rival, no Primeiro Mês de 901. Na época desta história, Shihei não tinha mais de trinta e três ou trinta e quatro anos. *Em Histórias de Tempos Passados* há referências à «sua beleza e esplêndido porte» e diz-se que «o rosto do ministro, a sua voz, as suas maneiras e até o aroma de incenso das suas roupas, eram de uma beleza incomparável», sendo-nos por isso fácil imaginá-lo sob a figura de um cavaleiro arrogante, favorecido pela riqueza, a posição social, o poder, a beleza e a juventude. Ao ouvir o nome Fujiwara Shihei acode-nos à mente o estereótipo do aristocrata perverso, de rosto maquilhado de azul, tal como nos é apresentado no *Kurumabiki* do teatro *kabuki*, que nos deixa dele a imagem de um homem astucioso e traiçoeiro; mas isso deve-se ao facto de o povo sempre ter simpatizado com Michizane — é provável que o verdadeiro Shihei não fosse o tratante que se julga. No seu estudo sobre Michizane, Takayama Chogyu censura-o por ter promovido Shihei, traindo desse modo a graciosa confiança nele depositada pelo Imperador Retirado Uda, que tentava então refrear a tirania do clã Fujiwara*. Segundo Chogyu, Michizane não era um homem de Estado, mas apenas um po-

* Takayama Chogyu (1871-1902) foi um crítico que escreveu várias biografias notáveis.